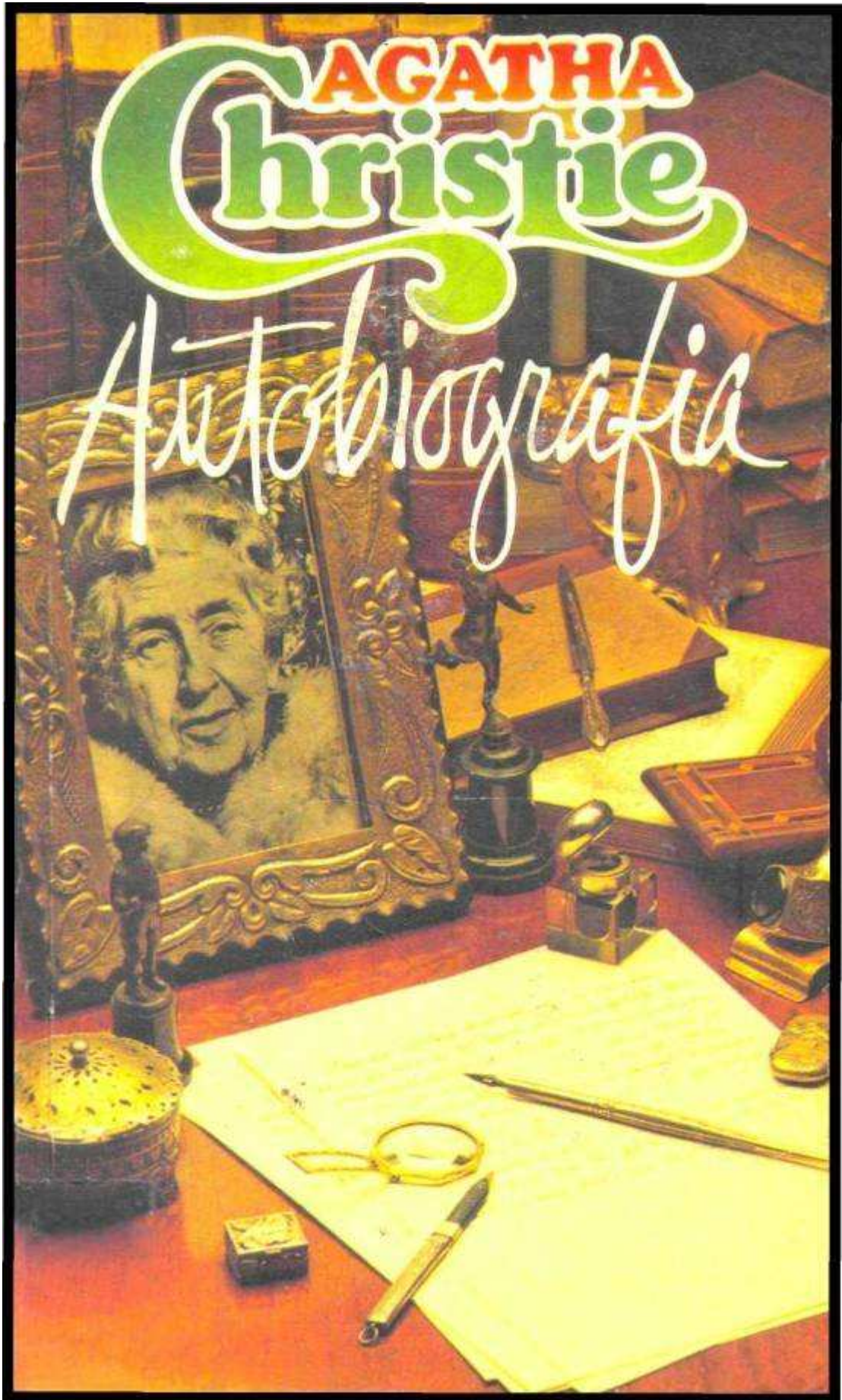


AGATHA  
Christie

Autobiografia



# Autobiografia

Agatha Christie

# Autobiografia

**CÍRCULO DO LIVRO**

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa posta 7413

01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: “An autobiography”

Copyright © 1977 by Agatha Christie Limited

Tradução: Maria Helena Trigueiros

Layout da capa: Natanael Longo de Oliveira

Foto: Thor Crespi

Licença editorial para o Círculo do Livro  
por cortesia da Editora Nova Fronteira S.A.

Venda permitida apenas aos sócios do Círculo

Composto pela Linoart Ltda.

Impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.

2 4 6 8 10 9 7 5 3 1

86 88 89 87 85

# Introdução

Nimrod, Iraque, 2 de abril de 1950.

Nimrod é o nome moderno da antiga cidade de Calach, a capital militar dos assírios. Nossa casa da expedição é construída com tijolos de lama. Ela estende-se para o lado leste da colina artificial<sup>1</sup>, e é constituída por uma cozinha, uma sala de estar e uma de jantar, uma pequena copa, uma sala de trabalho, outra de desenho, um galpão grande, uma sala para guardar as cerâmicas e uma minúscula câmara escura para as fotografias (nós todos dormíamos em tendas de campanha). Este ano foi acrescentado mais um quarto à casa da expedição, um cômodo que mede aproximadamente três metros quadrados. O teto é de gesso, com esteiras de junco e alguns alegres tapetes rústicos. Na parede está suspenso um quadro de um jovem artista do Iraque, representando dois burros caminhando através do *sucq*<sup>2</sup>, tudo isso pintado como um labirinto de cubos de intenso colorido. Há uma janela que dá para leste, para as montanhas do Curdistão, cujos píncaros se cobrem de neve. Na parte exterior da porta acha-se afixado um cartão quadrado onde se lê, impresso em caracteres cuneiformes, BEIT AGATHA (Casa de Agatha).

Esta, portanto, é “minha casa”, e é minha intenção usufruir dentro dela de uma privacidade absoluta para poder dedicar-me à importante tarefa de escrever.

---

<sup>1</sup> *Colina artificial feita pelo acúmulo de terra e detritos, ao longo dos séculos, em ruínas de antigas cidades ou povoados. (N. da T.)*

<sup>2</sup> *“Mercado.” Em árabe no original. (N. do E.)*

Pelo ritmo em que a escavação prossegue, provavelmente não terei tempo. Terei que limpar e reconstituir objetos. Terei que revelar fotografias, rotulando-as, catalogando-as e empacotando-as. Mas, na primeira semana ou nos primeiros dez dias, devo dispor de algum tempo.

É verdade que existem alguns empecilhos à minha concentração...

No telhado, por cima de mim, os trabalhadores árabes se movem aos pulos, gritando alegremente uns para os outros e alterando a posição de escadas inseguras... Há cachorros latindo, perus que não param de fazer gluglu. O cavalo do policial faz tilintar a corrente que o prende, e a janela e a porta recusam-se a ficar fechadas, abrindo-se alternadamente, com grande ruído. Estou sentada diante de uma mesa de madeira razoavelmente firme, e a meu lado tenho uma caixa de lata, pintada em cores alegres, das que os árabes costumam levar consigo quando viajam. É dentro dela que me proponho guardar minhas páginas datilografadas, à medida que meu trabalho progredir.

*Deveria* estar escrevendo um romance policial; no entanto, com aquela natural tendência do escritor para escrever seja o que for, exceto aquilo que deveria estar escrevendo, inesperadamente senti vontade de escrever minha autobiografia. Esse anseio de escrever a própria biografia, ouço dizer, tarde ou cedo se apossa da gente. Subitamente, tomou conta de mim.

Pensando melhor, a palavra “autobiografia” é por demais pomposa. Sugere o propósito de elaborar um estudo acerca da própria vida. Implica escrever nomes, datas e lugares em cuidadosa ordem cronológica. Porém, o que desejo mesmo é mergulhar minha mão em uma espécie de caverna maravilhosa e daí extrair um punhado das mais diversas recordações.

Em meu entender, a vida consiste em três partes: o presente, absorvente e habitualmente agradável, que corre minuto a minuto com velocidade fatal; o futuro, obscuro e incerto, para o qual podemos fazer inúmeros planos interessantes, e tanto melhor se forem insólitos e improváveis — afinal, nada virá a ser como esperávamos que fosse, e ao menos nos divertimos enquanto planejávamos; e a terceira parte, o passado, as recordações e as realidades que são os alicerces da vida presente e que nos surgem de repente, trazidas por um perfume, pela forma de uma colina, qualquer canção antiga, trivialidades que nos fazem de súbito murmurar: “Eu me lembro...”, com um peculiar e quase inexplicável prazer.

Esta é uma das compensações que a idade nos dá e, certamente, é muito agradável: recordar.

Infelizmente, muitas vezes não só desejamos recordar como também desejamos *falar* de nossas recordações. E isso, há que repetirmos a nós próprios, é maçante para os outros. Por que deveriam estar interessados, afinal, em recordações alheias, se se trata de *nossa* vida, e não da vida deles? Porém, quando são jovens, eles costumam conceder às nossas recordações certa curiosidade histórica.

“Suponho”, diz demonstrando interesse uma moça bem-educada, “que se lembra de tudo acerca da Guerra da Criméia, não?”

Um pouco melindrada, replico que não sou assim tão velha que me lembre da Guerra da Criméia. Também nego ter conservado qualquer lembrança da Revolta dos Sipaios. Mas admito vagas recordações da Guerra dos Bôeres — coisa inevitável, pois meu irmão participou de seus combates.

A primeira lembrança que surge na minha memória é uma



visão-clara de mim mesma caminhando pelas ruas de Dinard em dia de feira, com minha mãe. Um moço que carregava um grande cesto, cheio de variadas coisas, esbarrou violentamente em mim, machucando um pouco meu braço e quase me jogando ao chão. Meu braço doeu. Comecei a chorar. Creio que tinha então aproximadamente sete anos de idade.

Minha mãe, que gostava de comportamentos estóicos em lugares públicos, chama minha atenção:

“Pense”, diz ela, “em nossos bravos soldados na África do Sul!”

Respondi, indignada: “Não quero ser um bravo soldado. Quero ser uma covarde!”

Que fatores governam a escolha de nossas recordações? Viver é como estar sentado em um cinema. Clique! Aqui estou eu, criança ainda, comendo doces de creme no dia de meu aniversário. Clique! Passaram-se dois anos, e estou nos joelhos de minha avó, no ato de ser solenemente amarrada com um barbante como um frango chegado da loja do sr. Whiteley, e quase histérica de tanto rir com essa brincadeira.

São apenas momentos que nos chegam do passado — e entre eles imensos espaços vazios, de meses ou até de anos. Onde estamos, então? Isso nos leva à pergunta de Peer Gynt: “Onde estava eu, eu próprio, o homem total, o homem verdadeiro?”

Jamais conhecemos o ser total, embora às vezes, com a rapidez do relâmpago, possamos conhecer o ser verdadeiro. Acho que nossa memória nos apresenta momentos que, apesar de parecerem insignificantes, representam o verdadeiro ser interior de uma pessoa, aquilo que ela é em sua realidade.

Hoje, sou a mesma pessoa que era, a menina solene com cachos louros, de um louro muito claro, que desciam até os

ombros como salsichas. A morada onde a mente habita cresce, desenvolve instintos e gostos, emoções e capacidades intelectuais, mas eu própria, a verdadeira Agatha, continuo a mesma. Não conheço a Agatha total. A Agatha total, acredito, apenas Deus a conhece.

Portanto, aqui estamos, todas nós, a pequena Agatha Miller e a Agatha Miller já crescida e a Agatha Christie e a Agatha Mallowan, seguindo nosso caminho — para onde? Isso nós não sabemos, mas é o que torna a vida interessante. Sempre achei a vida interessante, e ainda a acho.

Como sabemos muito pouco da vida — apenas nossa ínfima parte —, cada um de nós é como um ator que tem algumas falas para dizer no primeiro ato. Ele dispõe de um *script* datilografado com suas deixas, e isso é tudo quanto sabe. Não leu a peça inteira. Por que iria lê-la? Terá apenas que dizer: “O telefone está enguiçado, minha senhora”, e depois retirar-se para a obscuridade.

Quando, porém, o pano subir, ele escutará a peça à medida que ela for sendo representada, e terá que contracenar com todos os outros atores e falar quando escutar sua deixa.

Participar de algo que não entendemos totalmente é, penso, uma das coisas mais interessantes da vida.

Gosto de viver. Tenho, por vezes, experimentado violentos desesperos e sofrido desgostos brutais, tenho me sentido destrocada pela tristeza, mas, em meio a tudo isso, ainda guardo a certeza de que o simples fato de estar *viva* é uma grande coisa.

Por isso, meu plano é gozar os prazeres que a memória me proporciona, não me apressando — escrevendo algumas páginas de vez em quando. É uma tarefa que provavelmente levará anos. Mas por que lhe chamarei eu uma *tarefa*? É um privilégio! Uma

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

